

Orla de 6ª feira

Fim do séc. XIX  
Visão mecânica da vida

"Gründerjahre"  
Leva ao titelismo

Romantismo + Biologismo  
(substitui a religião)

Malaram Deus...

(Pöhlmann hies eiuseldessen)

Positivistas

Deixei, da minha intenção original de deixar desfilar diante de nossos olhos os filósofos contemporâneos em ordem mais ou menos cronológica, porque as exigências das discussões forçaram considerações que não se deixam enquadrar logicamente. Assim, achei mais conveniente tratar, em primeiro lugar, daquela corrente de pensamento que é comumente chamada de "neopositivismo" ou "circulo de Viena", as ideias que se seguirão serão baseadas, principalmente, sobre Wittgenstein, o mais radical e, ultimamente, também o mais infidente pensador dessa corrente. Sei que esses pensadores devem muito a Russell, são em parte seus discípulos, e Russell deveria ter sido tratado antes deles. Entretanto como creio que Russell é um filósofo muito menos típico daquela corrente que tenta chamar de "racionalista" no sentido moderno, isto é, desesperado dessa palavra, como em Russell, persistem muitos elementos empíricos, prefiro tratar dele na próxima sexta-feira.

Exporé, da melhor maneira, a difícil filosofia de Wittgenstein, para depois tentar interpretá-la na luz das discussões passadas. Essa filosofia foi resumida, no "tractatus logico-philosophicus" nas sete frases seguintes: (1) O mundo é tudo o que é o caso, (2) O caso, isto é o fato, consiste de relações entre objetos (3) O retrato lógico dos fatos é o pensamento (4) O pensamento é a frase significativa, (5) Todas as frases são funções de verificações de umas poucas frases elementares (6) Existe uma forma geral, comum a todas as frases e (7) O que não pode ser falado, deve ser calado. Como estas coisas estamos diante de uma série de afirmações que formam uma espécie de escada, a qual, depois de usada, deve ser, de acordo com recomendação de Wittgenstein jogada fora. A primeira frase, isto é a base da escada, representa para o observador incauto, a expressão de uma ingenuidade positivista, e toda essa escola deve o seu nome de "neopositivista" à ingenuidade enganadora do primeiro passo da escada. A última frase dá expressão a uma sabedoria antiquíssima e representa a posição milenar do misticismo. Wittgenstein não conseguiu manter-se nessa posição, cedeu à tentação de repisar a escada, e, depois de uma pausa de vários anos, escreveu mais um livro, "Pesquisas filosóficas". Proponho, porém, que passemos por cima dessa fragilidade humana. O ponto de partida, portanto, e o ponto de chegada, são posições antiguíssimas e tradicionais, porém tradicionalmente opostas. A escada que Wittgenstein joga para uni-las é radicalmente nova. Ela consiste, aparentemente, de elementos puramente formais, lógicos, e necessários no sentido lógico dessa palavra, tanto assim que a última posição parece, prima facie, resultar necessariamente da primeira. O calar-se do místico, de Tomás ou do Buddha por exemplo, parece ser consequência logicamente necessária de uma análise da posição ingenuamente positivista. Torna-se evidente que, se aceitamos essa filosofia, ela será a mais revolucionária imaginável. Ruirão por terra, como consequências de uma análise insuficiente ou formalmente errônea da primeira posição, todas as majestosas tentativas da humanidade de alcançar um conhecimento, por parcial ou rudimentar que seja. Toda a ciência, toda a filosofia, digo mais, toda simples tentativa do senso comum de orientar-se, seriam, neste caso, condenadas ao fracasso. A nossa capacidade racional seria, neste caso, uma espécie de aparelho auto-destruidor que esconde, dentro de si, o segredo de sua própria inutilidade. Parece funcionar, quando não é posta a trabalhar contra si mesma. Mas se aplicamos a nossa racionalidade contra si mesma, ela se desprova. A racionalidade, em outras palavras, é racionalmente insustentável. A nossa Fé na capacidade da nossa razão de conectar a realidade é, portanto, a mais irracional das credências, professar completa racionalidade. Mas, com esta afirmativa, já nos encontramos no meio daqueles círculos viciosos, para os quais, conforme Wittgenstein, o racionalismo nos condena necessariamente.

Vejamos um pouco os passos individuais da escada. A primeira frase "O mundo é tudo o que é o caso" é creio eu, o ponto de partida de todo o pensamento. vemos aceitar a realidade de tudo o que é o caso, pedras, os outros homens, sonhos, desejos, para depois criticamente analisar caso por caso. A primeira frase, a despeito de sua formulação exótica, não representa dificuldade. A segunda frase "O que é o caso, isto é o fato, consiste em relações entre objetos" já nos dá muita dificuldade. Efetivamente, um objeto isolado nunca é o caso. A realidade, "o fato" como diz Wittgenstein, nunca consiste de um único objeto. Mas nós diríamos, ingenuamente, que a realidade consiste de vários objetos, ou, para falar com Wittgenstein, que vários objetos são o caso. Mas pensando bem, a nossa afirmativa seria logicamente insustentável. Se um objeto não é o caso, então tão pouco o podem ser dois ou três, porque estes, em seu conjunto, também formariam um único objeto, um superobjeto se quiserem. O que é o caso, portanto, são as relações entre os objetos. Em outras palavras,

os objetos são irrealis, a realidade consiste de uma rede de relações, cujos fios se cruzam sem nó, a realidade não é objetiva. Os fatos são relações, portanto são formas, sem conteúdo. Tudo o que é o caso é forma. A terceira frase "O retrato lógico dos fatos é o pensamento", que, a primeira vista parecia tão common sense, adquire, agora um significado profundo. Se os fatos são relações, não objetivas, e se o pensamento é um retrato dessas relações, então fato e pensamento se fundem. O pensamento é como que uma rede que se joga sobre a rede dos fatos. Já que a rede dos fatos não tem conteúdo, senão puramente formal, então a diferença entre fato e pensamento é a mesma como entre dois desenhos geométricos idênticos sobrepostos um sobre o outro. Podemos, portanto, dizer, de maneira um pouco fluida, porém acertada, que fato e pensamento correspondem tão intimamente que são uma e mesma coisa. Wittgenstein preferia dizer que pensamento e fato são dois espelhos que se encaram. A quarta frase "O pensamento é a frase significativa" forma o núcleo do pensamento wittgensteiniano. De acordo com ela, pensamento e língua são idênticos de tal maneira que o pensamento se torna uma espécie subordinada ao gênero "língua". A língua é o conjunto de todas as frases possíveis, entre estas também das frases significativas. É o conjunto das frases significativas. Todas os pensamentos possíveis. O conceito do significado foi discutido nas semanas passadas e ficou elaborado, que o significado é uma propriedade formal da frase. Frases são significativas quando se desenrolam na mesma camada de significado, ou quando denunciam formalmente as relações entre diversas camadas de significado. As camadas de significado são resultado de convenções ad hoc estipuladas. O pensamento é portanto o conjunto de frases que obedecem a regras formais ad hoc estabelecidas. E este pensamento, é bem lembrar, é idêntico com tudo que é o caso, portanto com o mundo. A quinta frase diz: "Todas as frases significativas são funções de verificação de um poucas frases elementares". Eu darei agora o texto alemão: "Der Satz ist die Wahrheitsfunktion der Elementarsätze". O que esta frase afirma é que existe um método formal e rigoroso de ligar frases entre si para que formem um sistema hierárquico, uma pirâmide de significado. Este método é a lógica rigorosa, e a relação que une as diversas frases se chama "verdade". Se passamos da base da pirâmide para a sua ponta estamos deduzindo. Se passamos na direção oposta estamos generalizando. A ponta da pirâmide é formada por umas poucas frases, que Wittgenstein chama de elementares. Todas as frases significativas, portanto todos os pensamentos, portanto todos os fatos, portanto tudo o que é o caso, portanto o mundo, pode ser deduzido de umas poucas frases elementares. E o que encontramos nessa dedução, bem entendido puramente formal é o que chamamos de "verdade". A sexta frase em alemão é: "Die allgemeine Form der Wahrheitsfunktion ist  $\pi, \epsilon, N, (\epsilon)$ . ~~Intax~~ Dies ist die allgemeine Form des Satzes." Tentarei uma nova tradução da seguinte maneira: "A forma geral da função 'verdade' é  $\pi, \epsilon, N, (\epsilon)$ , (ou seja muito aproximadamente: se uma frase significa uma relação, e frase contraditória significa uma relação correspondentemente oposta.) Esta é a forma geral de todas as frases." Wittgenstein afirma portanto a completa tautologia da língua, e com ela do pensamento. Ele afirma que a verdade é uma função puramente formal, que o conhecimento é logicamente impossível, que os pensamentos giram em círculos viciosos, enfim que dá na mesma se penso ou não penso, se falo ou não falo. A sétima frase, finalmente "Wovon man nicht sprechen kann darüber muss man schweigen", "O que não pode ser falado, deve ser calado" representa o abandono da posição racionalista. De maneira inarticulada está sendo indicado um caminho para fora do círculo vicioso da língua e para dentro daquilo que é o caso. Este caminho é o do calar-se. E a união mística inarticulada entre pensamento e mundo. A escada do pensamento é jogada fora e é prometida a fusão imediata entre o espírito e a realidade. Este é o grandioso mundo wittgensteiniano. Detenhamo-nos um pouco diante do seu esplendor rigoroso, deixemo-nos levar pela sua beleza cristalina, pela paixão pelo pensamento racional, antes de investiga-lo. Todo o sistema de Wittgenstein é uma obra de arte abstrata, ele é o Mondrian entre os pensadores. Ou Bach com seu cravo bem temperado, se preferem. É evidente que Wittgenstein é para o racionalismo o que Hume era para o empirismo, ele o destrói com suas próprias armas. E o destrói de forma definitiva, conforme creio. Não admira que ele é considerado por muitos como o maior filósofo da atualidade. O seu desespero surdo e mudo é um retrato fiel da situação da humanidade a poucos passos da bomba. Podemos escapar dessa posição desgraçada no sentido religioso dessa palavra? Creio que podemos.

Quer me parecer que o erro de Wittgenstein, por certo não erro lógico, mas erro ontológico, é quando identifica o pensamento com a frase significativa. Os nossos pensamentos consistem em grande parte de frases que não são significativas no sentido wittgensteiniano. Essas frases, as frases lógicas, falarmos popularmente, formam somente uma parte insignificativa do nosso pensamento. O nosso espírito abrange a língua toda, com suas exclamações, seu balbuciar, suas poesias e suas rezas. Trata-se aqui de frases ou destreços de frases que não têm significado formal, que são, como diria Wittgenstein, formalmente erradas e portanto sem significado. Entretanto são justamente essas as frases que dão significado no sentido comum dessa palavra ao nosso pensamento. Não sendo formais, não são tautológicas, não giram no círculo vicioso. As frases formalmente certas, as frases significativas e verdadeiras no sentido wittgensteiniano, não passam de elos entre as frases insignificativas que são, porém, as que importam na realidade.

O erro de Wittgenstein é, ao meu ver, a sua surdez trágica diante da enorme riqueza da língua. Tendo excluído todos os aspectos salvo o lógico e formal do pensamento, ele se condenou ao silêncio, quando na realidade a língua, além de ligar formalmente símbolos, pode também cantar, chorar, rezar, invocar, e, em fim, ser viva. É uma circunstância trágica que Wittgenstein, o primeiro a descobrir o valor ontológico da língua, era, ao mesmo tempo, tão surdo diante dela.

Wittgenstein teria hoje, um pouco mais de setenta anos. Pertence portanto a geração que hoje nos governa. Reichenbach e Carnap, os dois que o acompanham em parte do seu caminho, sem jamais ousar a chegar a suas alturas, tem a mesma idade. Fica portanto reservado a minha geração e a sua, de salvar o grande descobrimento desse círculo de Viena, porém repletar a língua no seu verdadeiro papel, como matéria prima do pensamento, da vida, e portanto da realidade. É preciso existencializar Wittgenstein, é preciso soprar vida no seu sistema. Os pensadores dessas gerações, se porventura existem, são ainda desconhecidos. Creio que é este o caminho que trilham ou terão que trilhar necessariamente. Estamos aqui no umbral de um território novo, de toda uma filosofia nova, a filosofia da língua, que, por ser uma filosofia de toda a língua, e da língua toda, será, ao mesmo tempo, a poesia pura, e, quem sabe, a oração, a reza pura.

Também hoje me limito a duas páginas e meia. O tema é difícil. A discussão será, portanto, mais demorada.